

RETORNO AS AULAS PRESENCIAIS: PERCEPÇÃO DE DISCENTE E DOCENTES DA FATEC MOCOCA

Núbia Razzé¹, Rafaela Maria da Silva², Juliana Gisele da Silva Nalle³

¹ Discente do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial / nubia.razze@fatec.sp.gov.br

² Discente do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial /
rafaela.silva542@fatec.sp.gov.br

³ Docente do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial / juliana.nalle@fatec.sp.gov.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo retratar como o ensino remoto e a volta das aulas presenciais com o refreamento da pandemia do Covid – 19 afetou a comunidade acadêmica, especificamente discente e docentes, da Fatec Mococa. Para tal se pondera orientações emergenciais das autoridades em saúde e educação para o modelo adotado no Ensino Superior, bem como as condições psicológicas e de aprendizagem dos pesquisados. A pesquisa ocorre por meio da aplicação de dois questionários, um para cada grupo de pesquisados, e são analisados quanti qualitativamente. Os resultados sinalizam que apesar do período de isolamento e das aulas remotas, alguns docentes conseguiram ter um retorno positivo dos alunos, assim diminuindo os riscos da qualidade de ensino. Todavia, foi retratado um *feedback* melhor dos discentes em relação as aulas presenciais, fazendo com que esse meio se destacasse como melhor forma de ensino para os pesquisados. A análise realizada é uma importante ferramenta de gestão para planejamento e ações sistematizadas pautadas no cuidado com os clientes internos e externos da IES.

Palavras-Chave: Ensino Superior; Pandemia; Saúde Mental; Aprendizagem; Gestão.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que atualmente a população mundial está em processo de reorganização bio/psico/socio/econômico decorrente de crise ocasionada pela inesperada pandemia do COVID-19.

Em março de 2020 foi decretado estado de emergência mundial com o alastramento, rapidez de contágio e alto risco de óbito da população mundial pelo vírus SARS-CoV-2, conhecido também Covid-19 ou popularmente coronavírus.

Segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2021), o vírus que desestabilizou o modo de vida da pós-modernidade é um beta coronavírus descoberto em amostras de lavado bronco alveolar obtidas de pacientes acometidos com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, China, em dezembro de 2019. Ele pertence ao subgênero *Sarbecovírus* da família *Coronaviridae*, contendo como principal sintoma a infecção respiratória aguda, potencialmente grave, de elevada propagação e de distribuição global.

Devido a esse contágio rápido, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) declara que o surto do novo coronavírus institui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o nível máximo de alerta da Organização, conforme indicado no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão traz a necessidade da criação de uma coordenação unificada de enfrentamento da pandemia com cooperação e solidariedade global para a eliminação da propagação do vírus, até então sem medicações ou vacinas para detê-lo.

As autoridades mundiais em saúde juntamente com cientistas, ao mesmo tempo que pesquisam possibilidades de medicamentos e vacinas adotam medidas de saneamento que deviam ser seguidos por toda a população como o isolamento social e maior rigor em hábitos de higiene pessoal e ambiental, o uso de máscaras, bem como outras medidas essenciais para segurança individual e coletiva.

Os países que seguiram as determinações da OMS tiveram êxito na condução da crise com menor impacto negativo e retorno mais breve à normalidade.

Contudo, há que se ponderar que nem todos os chefes de Estado acataram o estabelecido, como exemplo o Brasil, o que tornou precária e confusa a gestão da crise sanitária com prejuízos em saúde pública e em saúde individual (física/mental/social). Os déficits se estenderam à outras áreas como a economia e a educação (FAGGIN, 2021).

Mesmo com uma possível inabilidade governamental, as escolas aderiram ao recomendado pela OMS e buscaram se organizar para o atendimento ao alunado, como o ensino remoto sendo que em algumas instituições educacionais ocorreu de forma assíncrona e em outras síncronas.

O ensino superior dentro de suas atribuições e capacidade, também atuou de maneira a colaborar com a eliminação do contágio com alteração na forma de ensino presencial para remoto tendo o retorno ocorrido conforme liberação das autoridades (FAGGIN,2021).

Vale ressaltar que o retorno da rotina acadêmica presencial se deu pela redução da contaminação da população pelo COVID-19, ocasionada, principalmente, pela ampla vacinação.

Sabe-se que em um contexto pandêmico há muitas mazelas que se estendem para dentro da escola entre elas o ensino superior, como possíveis danos à saúde mental dos alunos e professores, impactando no processo ensino aprendizagem, inclusive no retorno das aulas presenciais, o que justifica a necessidade de compreendê-las.

A justificativa também se dá pelo fato da necessidade de um gestor precisar compreender seus clientes internos e externos, a fim de fazer um planejamento com maior perícia e tomar decisões que tragam benefícios à todos.

Assim, no presente trabalho de cunho exploratório é utilizada a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso na FATEC Mococa, a fim de compreender a percepção de discente e docentes sobre como a pandemia impactou suas vidas acadêmicas, pois muitos passaram por alterações cotidianas que exigiram adaptações em curto período.

Dessa maneira, neste artigo procura-se responder a seguinte questão: como discentes e docentes percebem as consequências da pandemia no retorno as aulas presenciais diante disso dos danos na educação acadêmica durante a pandemia que propiciaram dificuldades de readaptação ao processo de ensino aprendizagem no retorno das aulas presenciais da Fatec Mococa?

A hipótese levantada é que a saúde mental durante a pandemia e o processo de ensino aprendido também neste período foram impactados em maior proporção negativamente no ensino remoto, resvalando no retorno das atividades presenciais acadêmicas, trazendo insegurança e déficit de aprendizagem.

O objetivo proposto consiste em analisar a percepção de docentes e discentes quanto ao ensino remoto e presencial no contexto da pandemia do COVID-19,

também compreender alguns aspectos de saúde mental que podem influenciá-los em seus desempenhos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para que se possa ter um maior aprofundamento da temática deste artigo há a necessidade de conceituar aspectos teóricos pertinentes.

Pandemia é uma designação aplicada para ponderar uma doença que se propaga ao nível mundial, ou seja, é classificada pelo fator geográfico determinante sem ser necessário a gravidade da enfermidade (OMS, 2021).

Diversos fatores, estabelecem a existência de uma pandemia, como: transmissão, mutações dos micro-organismos, patogenicidade e a necessidade de uma intervenção de prevenção rápida para controlar o contágio.

Por exemplo, no século XIV, cerca de 75 milhões de mortes ocorreram devido a pandemia da Peste Bubônica, conhecida também como Peste Negra, que interferia nas glândulas linfáticas da virilha, axila ou pescoço do infectado, causando inchaço e sintomas como enxaqueca, febre e mialgia. Causada pelo vírus *Yersinia pestis*, é transmitido por pulgas e ratos. A Peste Negra se propagava pela precariedade de higiene da sociedade na época e pelas rotas marítimas europeias (SILVA JUNIOR et al., 1942).

Outro exemplo de pandemia foi ocasionado pela mutação do vírus influenza (Gripe H1N1). A H1N1 causa infecções que afetam o trato respiratório, febre acima de 38 °C, tosse seca, dor de cabeça constante, inapetência, dor muscular e nas articulações, entre outras. Essa pandemia atingiu o planeta entre 2009 e 2010, identificada primeiramente no México, vindo a se alastrar rapidamente em 75 países dentro de um período de dois meses, onde 650 mil casos identificados e 18.400 mortes no mundo, com uma letalidade de 0,02%. Em maio de 2009 foi detectado essa doença no Brasil em quase 60.000 pessoas, causando 2.173 mortes. A campanha de vacinação acabou incluindo essa cepa em 2010, imunizando 92 milhões de pessoas, vacinas essas criadas pelo Instituto Butantan e distribuídas pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI), nessa época inclusive o Brasil vacinou 42% da população em

comparação com estudos unidas Estados Unidos (26%), México (24%) e Argentina (13%) (INSTITUTO BUTANTAN [s.d]).

Voltando a atualidade, o vírus SARS-CoV-2 teve seus primeiros relatos no fim de 2019, na cidade de Wuhan, na China. Foi declarado pela OMS que o vírus havia se disseminado globalmente em março de 2020, sendo uma infecção respiratória de nível grave, alto risco de óbito e rápida transmissibilidade. O risco se amplia pelo fato de muitas pessoas serem assintomáticos.

Quando a OMS (2020) decretou a pandemia, um grupo de pesquisadores especializados em mudanças climáticas e econômicas da Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais (Rede Clima), do Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI), fizeram uma análise da situação etimológica e da projeção de cenários causados pela expansão do vírus no país para tratar sobre consequências da pandemia, como: a decadência da saúde, o agravamento da crise econômica decorrente da crise política como: o aumento da perda potencial de renda e de consumo; o aumento do desemprego; o aumento de falência de micro e pequenas empresas; aumento da defasagem em aquisição de conhecimento e habilidades por meio da escola. O efeito da pandemia ligado à precária gestão governamental de crise, na análise citada, trará consequências previstas baseadas para 2050, o que exige esforços coletivos de gestores para planejamento de estratégias de minimização desses impactos na sociedade brasileira (IBERDROLA, 2022).

Em foco na educação, a pandemia de coronavírus SARS-COV-2, trouxe a necessidade da interrupção das atividades presenciais em cerca de 91% das escolas ao redor do planeta (UNESCO, 2020).

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC), em abril de 2020, autorizou a substituição das aulas presenciais pelo modo remoto para as instituições de educação básica à educação superior. As autorizações, que deveriam durar apenas um mês, tiveram que ser prorrogadas até final de 2020 (AGÊNCIA DE SENADO, 2020) e posteriormente, manteve-se até meados de 2021, sendo que algumas instituições de ensino superior voltaram ao ensino presencial somente no início do ano letivo de 2022.

Durante o período de suspensão das aulas presenciais, muitas instituições de ensino superior (IES), inclusive as Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATECs), utilizaram as plataformas virtuais para além das aulas remotas (no caso das FATECS síncronas), com reuniões de planejamento, coordenação e monitoramento das atividades, tanto da direção para com os professores, quanto dos professores para com os alunos, a fim de diminuir os prejuízos de possíveis lacunas de aprendizagem e se manter a qualidade do ensino.

Segundo o MEC (2020), os principais problemas decorrentes da suspensão das aulas presenciais envolveram além do comprometimento do calendário escolar, o retrocesso do processo educacional e da aprendizagem dos estudantes, bem como ampliaram os danos estruturais e sociais que já existiam nos estudantes e suas famílias com baixa renda, também cresceu a evasão escolar em todos os níveis educacionais e aumentou o trancamento de matrículas no ensino superior. (MEC,2020). Esses problemas trazem maiores desafios de estratégia e tomada de decisões para a gestão educacional.

Em consonância com o MEC, ainda em 2020, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), divulgou o primeiro levantamento científico no Brasil com os impactos causados pela pandemia na educação do país.

A pesquisa intitulada “Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil”, que tem como público-alvo a educação básica, mensura que nove em cada dez escolas (90,1%) não retornaram às atividades presenciais no ano letivo de 2020, trazendo déficits de aprendizado e sociais, principalmente para a camada de baixa renda da população (MEC, 2020). Sabe-se que em 2021 o cenário se manteve e o retorno gradual só foi possível depois dos esforços da comunidade científica em contraponto às autoridades governamentais para a vacinação da população.

O ensino superior seguiu o mesmo processo das outras instâncias educacionais, universidades, departamentos acadêmicos e cursos universitários tiveram também que se adequar para diminuir consequências por falhas causadas pela transição das aulas, procurando a manutenção de uma educação de qualidade e segura. Competiu às instâncias deliberativas das IES decisões fundamentais que

subsidiaram as decisões de professores quanto à forma de conduzir suas disciplinas (UNESCO, 2020).

De acordo com levantamento divulgado pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES, 2020), 78% das IESs privadas também optaram por aulas por meios digitais, remotamente, e 22% preferiram suspender as aulas presenciais.

O ensino a distância devido à pandemia foi inserido como modo de experiência remota e emergencial, foram feitas adaptações no ensino para a inserção dos recursos *online* de modo não planejado, sem tempo hábil de desconsiderarem importantes aspectos da vida cotidiana dos estudantes e professores, tal como aspectos tecnológicos e pedagógicos.

A emergência do momento ocasionou exclusão de alunos que não tem acesso à *internet*, computador ou *software* adequados para assistir às aulas e fazer atividades, tudo isso dificultou a continuidade aos estudos acadêmicos (HODGES et al., 2020). Mesmo com a busca de solucionar essa situação no decorrer da crise sanitária, sabe-se que foi insipiente o esforço.

Means et al. (2009) já apontavam para um desempenho menor em aprendizagem com a utilização de ensino remoto se comparado com o presencial. Isso é argumentado pelo fato de existirem algumas limitações no modo de ensino virtual (metodológicos e didáticos) que dificultam algumas competências necessárias de serem trabalhadas durante as aulas e facilitadas nos encontros presenciais, como, por exemplo a comunicação assertiva, a compreensão do outro, a facilidade de concentração e consequentemente a elaboração de habilidades técnicas (MATTA et al., 2017).

Dessa maneira ao se barrar aprendizagens decorrentes da convivência no ambiente educacional, reduz-se, não somente, as habilidades profissionais e interpessoais, mas há que se considerar prejuízos sobre a saúde mental e física dos estudantes e professores envolvidos (MATTA et al., 2017).

Assim, é possível que a implementação de urgência do ensino remoto tenha trazido limitações de tempo, treinamento, planejamento, teste de capacitação e suporte técnico operacional para os cursos, podendo assim, ter comprometido a

qualidade do aprendizado, como: desempenho acadêmico baixo dos estudantes, aumento do fracasso escolar, acréscimo na probabilidade de evasão no ensino superior e desgaste dos docentes, que ficaram sobrecarregados pelas múltiplas atividades e pelos desafios de lidar com a tecnologia a fim de promover o ensinamento.

3. METODOLOGIA

Este trabalho de cunho exploratório baseia-se em pesquisa bibliográfica e em estudo de caso realizado na Fatec Mococa com docentes e discentes sendo a análise dos dados realizada quantitativa e qualitativamente.

A pesquisa é composta por dois questionários (um para docentes e um para alunos) com questões abertas e fechadas que foram enviadas por meio de *link* para acesso e resposta no *Google Forms*, após o retorno das aulas presenciais em 2022.

Junto a eles foi enviado um termo livre de esclarecimento e consentimento com explicações sobre a participação. Os *links* dos questionários foram enviados em grupos de *WhatsApp* tanto para professores quanto para alunos. Estes deveriam participar de forma espontânea e colaborativa, onde foi obtido 51 respostas dos discentes e 05 respostas dos docentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante os dados colhidos e analisados dos respondentes tem-se que em relação aos 51 discentes 56,9% são do sexo feminino e 43,1% do sexo masculino; 41,2% dos alunos tem a faixa etária entre 21 e 30 anos e os, 35,3% possui entre 17 a 20 anos e 15,7% tem entre 31 e 40 anos; 70,6% são solteiros(as) e 19,6% de casados(as); 68,6% são alunos do curso de gestão empresarial, 11,8% são de análise e desenvolvimento de sistema e 9,8% nos cursos de agronegócio e 9,8% em gestão da tecnologia da informação.

Em relação aos 05 docentes participantes 60% são do sexo masculino e 40% do sexo feminino; 20% têm entre 30 e 40 anos e 80% têm entre 41 e 50 anos; 80% são casados (as) e 20% de solteiros; 100% atuam como professores do curso de gestão empresarial.

4.1 Discentes

Em resposta ao questionário tem-se que 52,9% dos alunos começaram o curso presencial e 47,1% começaram a faculdade a distância, isso mostra que quase metade dos respondentes ingressaram na FATEC em período de pandemia, tem maior dificuldade na compreensão de vivência acadêmica presencial, o que pode tornar mais complexa sua percepção da graduação que escolheu, bem como do ritmo exigido no ensino superior.

Ao serem questionados sobre a preferência entre a aula remota e presencial, visto que a pesquisa foi realizada após o retorno das aulas presenciais, constatou-se que 76,5% dos participantes preferem aulas presenciais, enquanto os outros 23,5% preferem aulas remotas. A preferência vem de acordo com a escolha do estudante pelo curso presencial e o desejo de fazer parte desta metodologia.

Em relação às expectativas sobre a faculdade durante a pandemia tem-se que 74,5% dos entrevistados criaram expectativas e 25,5% não criaram, vale pontuar que a expectativa consolidada é importante para a permanência no curso e a frustração a ela pode ocasionar desmotivação, o que leva a desistência.

Para se compreender esse fato foi questionado se durante a pandemia os alunos pensaram em desistir do curso, sendo que 52,9% afirmaram que não e 47,1% afirmaram que sim. Esses dados mostram uma divisão quanto a permanência, o que trouxe risco à continuidade no curso e aos estudos.

Discorrendo mais sobre a percepção discente tem-se que o ensino remoto foi classificado como bom por 15,7% como ótimo, 44,2% dos pesquisados, 24,4% colocam como ruim e 15,7% como péssimo, o que mais uma vez mostra a divisão equilibrada entre satisfeitos e insatisfeitos com o processo, mas com vantagem para a aprovação da metodologia utilizada na pandemia.

Em investigação dos impactos na saúde mental dos discentes à pandemia tem-se que 74,5% sentiram preocupação, 66,7% sentiram ansiedade, 60,8% estavam inseguros, 52,9% ficaram com medo, 41,2% desesperançosos, 37,3% ressaltaram tristeza, 21,6% sentiram raiva, 15,7% tiveram confiança, 15,7% animação, 9,8% culpa e 5,9 % felicidade. Esses dados apresentam aspectos importantes que impactam negativamente a saúde mental ocasionando possível adoecimento se forem intensos ou duradouros.

Aprofundando a compreensão da saúde mental, os participantes foram questionados sobre o desenvolvimento de sofrimento psíquico exacerbado 76,5% dos participantes disseram que não apresentaram nenhum sofrimento psíquico contínuo durante a pandemia, por outro lado, 15,7% disseram que sim e 7,8% ainda estão em tratamento, isso demonstra que a maioria soube conviver e lidar com a pandemia.

Também, investigou-se possíveis ganhos secundários com a situação pandêmica e o ensino remoto e 47,1% dos pesquisados obtiveram satisfação com a praticidade de não precisarem se locomover, 43,1% apontaram que dedicaram mais tempo a família, também 43,1% tiveram maior disponibilidade de horário, 35,3% ficaram em casa, 33,3% aprenderam coisas novas, 21,6% gostaram do ensino remoto, 19,6% gostaram de outras atividades e 15,7% não souberam opinar.

Pode-se inferir que o ensino remoto propiciou confortos pessoais, o que não necessariamente contribuiu para o aprendizado. Esse conforto não se repetiu no quesito trabalho, pois 70% mantiveram o trabalho presencialmente durante a pandemia e 30% trabalharam em *Home Office*. Vale notificar que todos os respondentes atualmente estão inseridos no mercado de trabalho.

Quanto a qualidade de vida com o retorno das aulas presenciais 37,25% dos discentes colocaram-na como ótima, 47,06% como boa e 15,69% como ruim, o que se infere na possibilidade de anseio com o retorno. Esse dado se relaciona com o sentimento de retorno às aulas presenciais em que 41,2% dos entrevistados se sentiram animados(as), 25,5% se sentiram ansiosos(a), 13,7% se sentiram indiferentes, 5,9% sentiram-se irritados, tristes e indiferentes.

Com relação a questão anterior além do sentimento, investigou-se também se os discentes tinham algum receio de retornar as atividades presenciais e 62,7% responderam que sim e os outros 37,3% não tiveram medo algum com o retorno.

Se o receio não está atrelado à qualidade de vida, pode estar associado a sensação de talvez não conseguirem acompanhar o ensino, ou ainda o medo de contrair a doença, como demonstra a questão a seguir.

Os receios apontados foram: 62,5% insegurança, 56,3% mudanças nas rotinas, 43,8% não estão conseguindo acompanhar, 37,5% medo, 31,3% dificuldade com o meio de transporte e 12,5% estão tendo dificuldade por residir em outra cidade, como dito na questão anterior a grande parte sentiu receio em retornar pelo simples fato de insegurança de que se voltassem se contrariariam a doença e se dariam conta de voltar a rotina como era de costume antes da pandemia.

Mediante as perguntas anteriores, questionou-se aos alunos se estão conseguindo acompanhar as aulas presenciais e foi possível observar que 75,5% estão conseguindo acompanhar o ensino presencial e os outros 24,5% estão com dificuldade em algumas matérias, principalmente na continuidade das atividades extracurriculares e na realização das provas presenciais. Mas a percepção de bom aprendizado corresponde a mais de setenta por cento o que é satisfatório.

Para 78,4% dos alunos, as aulas presenciais são as preferidas, 9,8% têm as aulas remotas como prioritárias e 11,8% alegam ser indiferente a forma de ensino. Diante do respondido pela maioria dos alunos observa-se, mais uma vez, a predileção pelo ensino tradicional.

Em processo de finalização de respondência do questionário, torna-se importante analisar a percepção que o aluno possui de seus colegas e professores e 52,6% perceberam diferença na motivação e 47,4% colocam que não sentiram diferença alguma, o que aponta para polarização de percepção o que pode indicar maior centralização em si, sensibilidade diante de outrem ou percepção inadequada.

4.2 Docentes

A participação espontânea dos docentes na pesquisa se restringiu a 05 participantes e percebe-se que as respostas mostram maior mal-estar do que os coletados e analisados dos discentes.

Em relação a como os professores se sentiram durante o período de aulas remotas, tem-se que 20% ficaram ansiosos e 80% preocupados, o que reflete em possível estresse diante do desafio instaurado pela pandemia.

Para compreender mais profundamente a adaptação no trabalho remoto tem-se que diante do cenário pandêmico há respostas distribuídas em 20% que são neutros colocando “nem fácil e nem difícil”, 40% que relata facilidade e 40% dificuldade. Esses dados mostram diferenças pessoais diante do enfrentamento da situação de mudança, não mostrando uniformidade nas respostas.

A pesquisa também aponta alguns desafios enfrentados pelo corpo docente em aulas remotas visto que os pesquisados trabalharam em *home office*, destes 20% sentiram dificuldades por terem que cuidar dos filhos em horário de trabalho, 20% relataram que havia muitas distrações no ambiente familiar, 40% perceberam diminuição na qualidade da comunicação com os colegas de trabalho e alunos, 40% apresentaram dificuldade em sistematizar a rotina de trabalho, 60% sentiram ansiedade generalizada e 100% sentiram desafiados a superação diante do isolamento social.

Com a redução do número de contaminados, bem como da diminuição dos casos graves e óbitos ocasionados pela vacinação, as aulas presenciais retornaram o que se percebe desmotivação dos professores, diferentemente dos dados apresentados pelos alunos. 20% dos docentes não tiveram receio de retornarem, mas 20% ficaram incertos e 60% tiveram medo da contaminação. Os argumentos do receio foram justificados da seguinte maneira: para 25% o medo ligava-se ao fato de terem que viajar para trabalhar, 25% por mudança de rotina e 50% por insegurança geral.

Para os professores o ensino remoto comprometeu o processo de ensino-aprendizagem, visto que 80% perceberam rendimento escolar dos discentes aquém do habitual e somente 20% percebeu melhora na aquisição de conhecimentos dos alunos.

Mesmo com dados que atestam percepção de insatisfação em relação às aulas remotas, ocorreram alguns benefícios como: para 20% a possibilidade em ficar em casa e 60% a praticidade de não terem que se locomover para a faculdade.

Portanto, o cenário pandêmico não trouxe somente desvantagens, como é apontado pela pesquisa, pois acrescentando os dados anteriores 40% dos professores classificaram “regular” e 60% “bom” o fato de poderem trabalhar mesmo em cenário pandêmico.

O retorno das aulas presenciais trouxe um misto de sentimentos entre os professores, 20% sentiram preocupação, 40% animação, e 40% felicidade. Nenhum deles identificam algum dano psíquico. Mesmo com o alto índice de preocupação, todos tiveram expectativas de melhorias com o retorno das aulas presenciais.

Ao contrário da análise da percepção dos docentes em relação às aulas remotas, todos os docentes alegaram perceberem melhores resultados no ensino presencial. O rendimento dos alunos foi classificado como “ótimo” por 40 % dos professores e 60% identificaram como “bom”.

De acordo com a observação dos entrevistados não foi perceptível alguma diferença na motivação dos colegas de trabalhos, quanto aos outros professores e funcionários públicos presentes na faculdade.

Atualmente, com decorrer das aulas os professores contribuintes a pesquisa se consideram adaptados às aulas presenciais e consideram a nível máximo vivência do processo ensino aprendizagem por meio das aulas presenciais.

5. CONCLUSÃO

Mediante a pesquisa realizada e o objetivo preposto há a confirmação da hipótese levantada de que o ensino remoto trouxe lacunas no processo de ensino aprendizagem, com sentimentos ligados à insegurança e à desmotivação seja pela situação da pandemia, seja pelas limitações relacionadas à distância e a tecnologia.

Percebe-se que tanto alunos como professores foram impactados negativamente, mas tiveram ganhos secundários, sendo que os discentes reagiram de maneira mais favorável diante de toda a situação.

O retorno ao ensino presencial foi visto como esperançoso por todos, mas tendo os professores maiores dificuldades em relação à saúde mental.

Para os professores, o ensino presencial traz maior qualidade na aquisição de conhecimentos e de habilidades profissionais. Esse aspecto também é compartilhado pela maioria dos alunos entrevistados.

Diante disso, podemos concluir que uma parcela significativa dos entrevistados se encontrou animados e esperançosos com a volta as aulas presenciais.

Vale enfatizar que essa pesquisa proporciona a compreensão de aspectos ligados à clima organizacional, os quais possibilitam aos gestores educacionais a reflexão sobre a comunidade acadêmica, o que traz maior assertividade na criação de estratégias para ações sistematizadas pautadas em cuidados para com os clientes internos e externos da instituição educacional.

6. REFERÊNCIAS

ABMES. **Pandemia da Covid-19 pode trazer impactos negativos para área da educação.**2020. Disponível em:

>><https://abmes.org.br/noticias/detalhe/3980/pandemia-da-covid-19-pode-trazer-impactos-negativos-para-area-da-educacao><<. Acessado em: 26/05/2022

ARAÚJO, Ana Lígia. **As principais consequências da pandemia na educação.** Disponível em:

>><https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-poder-publico><<. Acessado em: 12/05/2022.

BERNARDES; F. F. e SCHNOBLI; de C. C. **Percepções sobre o ensino de geografia através da modalidade remota: estudo de caso na cidade de francisco beltrão/pr.** Revista Prâksis, 2022. Disponível em:

>><https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/2771><<. Acessado em: 06/03/2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Impactos econômicos da pandemia no Brasil poderão ser observados até 2045.** Disponível em: >>[X CONGRESSO DE TRABALHOS DE GRADUAÇÃO
Faculdade de Tecnologia de Mococa
Vol.6 N.2 A.2022](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2021/10/impactos-economicos-da-pandemia-no-brasil-poderao-ser-observados-ate-2045#:~:text=Foram%20estimados%20a%20perda%20potencial,red%C3%A7%C3%A3o%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20na%20economia.<<. Acessado em: 24/05/2022.</p></div><div data-bbox=)

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é COVID-19?**. 2021. Disponível em: >><https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus><<. Acessado em: 22/03/2022.

COSTA, Simone. **Pandemia e desemprego no Brasil**. Disponível em: >><https://www.scielo.br/j/rap/a/SGWCFyFzjrDwgDJYKcdhNt/?lang=pt><<. Acessado em: 24/05/2022.

DIAS, Érika. **A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço**. Disponível em: >><https://www.scielo.br/j/ensaio/a/xtsmMwsHtnb366YzCh9zQrC/> << Acessado em: 26/05/2022.

FAGGIN, Dora. **Como a pandemia afetou a vida dos brasileiros**. 2021. Disponível em: >><https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/como-a-pandemia-mudou-a-vida-dos-brasileiros/><<. Acessado em: 22/03/2022.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Entenda como a pandemia impactou a Educação no Brasil**. Disponível em: >><https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil><<. Acessado em: 24/05/2022.

GUSSO, Hélder, LIMA e GONÇALVES, Valquíria, MARIA. **Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária**. Disponível em: >><https://www.scielo.br/j/es/a/8yWPh7tSfp4rwtcs4YTxtfr/?lang=pt> << Acessado 29/05/2022.

HODGES, C., Moore, S., LOCKEED, B., TRUST, T., & BOND, A. (2020). **A diferença entre ensino remoto de emergência e aprendizado on-line**. Revisão EDUCAUSA. Disponível em: >><https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning><<. Acesso em: 20/05/2022.

INSTITUTO BUTANTAN. **Entenda o que é uma pandemia e as diferenças entre surto, epidemia e endemia**. 2021. Disponível em: >><https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia><< Acessado em: 24/05/2022.

INSTITUTO BUTANTAN. **Antes da Covid-19: conheça 3 doenças que também fizeram o mundo tremer neste século. [S.D.]**. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/antes-da-covid-19-conheca-3-doencas-que-tambem-fizeram-o-mundo-tremer-neste-seculo> << Acessado em: 29/10/2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMIA APLICADA. **Boletim trata de diversos impactos sociais da pandemia no Brasil**. Disponível em: >>https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38391<<. Acessado em: 24/05/2022.

IBERDROLA. **Quais são as grandes crises humanitárias que atualmente assola o planeta na atualidade?**. Disponível em:

